

Por ocasião dos domingos do Mês Missionário de outubro de 2026, temos a alegria de partilhar convosco algumas das meditações preparadas para todo o mês, no âmbito de uma colaboração entre as Direções Nacionais das Pontifícias Obras Missionárias da Itália, da Índia e dos Estados Unidos, juntamente com o Secretariado Internacional da PUM.

Os comentários sobre as leituras bíblicas do Mês Missionário foram enviados por e-mail a todos os Diretores Nacionais das POM, que poderão utilizá-los nas diversas atividades de animação missionária.

Queremos renovar a nossa gratidão às Direções Nacionais que colaboraram na preparação destes textos e, de modo particular, aos seus autores: o Rev. Pe. Alessandro Sacchi (Itália), o Rev. Prof. Yesu Karunanidhi (Índia); e Mons. Roger Landry (Estados Unidos).

A PUM acrescentou algumas citações úteis para aprofundar a reflexão.

Domingo, 25 de outubro de 2026

XXX Domingo do Tempo Comum

Êx 22,20-26; Sl 17; 1Ts 1,5c-10; Mt 22,34-40

Um doutor da lei aproxima-se de Jesus, no Evangelho de hoje, com uma pergunta sobre a coisa mais importante que devemos fazer na vida. “Mestre”, pergunta, “qual é o maior mandamento da Lei?”

Não era uma pergunta fácil, porque há 613 preceitos no Antigo Testamento.

A resposta de Jesus, no entanto, é clara e sintética: “Ama ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todo o teu entendimento.”

Depois acrescenta duas coisas. “O segundo é semelhante a esse: Ama ao teu próximo como a ti mesmo.” E: “Toda a Lei e os Profetas”, ou seja, tudo o que Deus manda, “dependem desses dois mandamentos.”

Tudo na vida cristã brota do amor a Deus e do amor ao próximo, não como duas realidades separadas, mas como um movimento interrelacionado. Jesus não nos diz: “Amai-me como eu vos amei”, mas “amai-vos uns aos outros como Eu vos amei.” O nosso amor por Jesus será mostrado no nosso amor pelo próximo, a quem Ele nos chama a amar com mente, coração e alma, sem reservas.

A primeira leitura do Livro do Êxodo torna isto muito concreto. Deus fala com urgência sobre o tratamento dos vulneráveis: o estrangeiro, a viúva, o órfão e o pobre. O nosso cuidado por eles revela o nosso amor a Deus. Mostra-se a nossa relação com Deus é real. Jesus tornaria isto abundantemente claro mais tarde quando diria que a forma como tratamos o faminto, o sedento, o nu, o estrangeiro, o doente ou o encarcerado é a forma como o tratamos a Ele (Mt 25,31-46).

Se partilhar o amor de Deus pelo próximo é tão essencial para a vida cristã, por que razão é, às vezes, tão difícil? A resposta encontra-se na segunda leitura, quando São Paulo recorda aos cristãos de Tessalónica como começou a sua fé: não simplesmente como um ensinamento que receberam, mas como um encontro que os transformou. “o Evangelho que pregamos não foi apresentado somente com palavras, mas com poder, com o Espírito Santo”, o que os ajudou a converter-se “dos ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro.”

Não podemos realmente amar como Jesus manda, a menos que tenhamos primeiro encontrado o Seu amor por nós. Somos amados primeiro, e desse amor aprendemos a amar.

Este é o fundamento da atividade missionária da Igreja.

Na sua mensagem para o *Dia Mundial das Missões de 2026*, o Papa Leão XIV sublinhou que o amor é a “essência” da missão da Igreja. Disse: “A missão dos discípulos e de toda a Igreja é a continuação, no Espírito Santo, da missão de Cristo: uma missão que nasce do amor, que se vive no amor e que conduz ao amor. [...] Os Apóstolos, portanto, evangelizaram movidos pelo amor de Cristo e por Cristo (cf. 2 Cor 5, 14). Da mesma forma, ao longo dos séculos, numerosos cristãos, mártires,

confessores, missionários, deram a vida para dar a conhecer este amor divino ao mundo. Assim, a missão evangelizadora da Igreja continua guiada pelo Espírito Santo, Espírito de amor, até ao fim dos tempos.”

O Papa Leão elogiou o amor a Deus e ao próximo encontrado nos missionários do passado e do presente, que se sacrificam para partilhar o amor de Deus com pessoas que outrora eram estranhos. Como São Francisco de Assis, que, outrora, lamentou “o amor não é amado”, instou-nos, como Santa Teresa de Lisieux, “a amar Jesus e a fazê-lo amar.”

Jesus no Evangelho de hoje deixa claro que amar a Deus e ao próximo — ou, nas palavras de Santa Teresa, amá-lo e fazê-lo amar — é a única coisa mais importante que precisamos de fazer. Tudo o resto que a Igreja faz depende deste duplo mandamento, que brota da experiência de Jesus ter-nos amado o suficiente para dar a Sua vida por nós e depois tornar-se o nosso mesmo alimento no Sacramento do Amor — o sinal eficaz do amor divino — no altar. Recebamos de novo esse amor, deixemo-nos transformar por ele ainda mais, e depois deixemos que esse amor transborde para a evangelização e transformação do mundo.

Citações úteis:

PAPA LEÃO XIV, *Angelus*, Praça da Liberdade (Castel Gandolfo), Domingo, 13 de julho de 2025

[...] Está escrito na Lei: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração» e «o teu próximo como a ti mesmo» (Lc 10, 27; cf. Dt 6, 5; Lv 19, 18). Fazendo assim, correspondemos ao amor do Pai: a vontade de Deus é, na verdade, aquela lei de vida que Deus, em primeiro lugar, pratica a nosso respeito, amando-nos por inteiro no seu Filho Jesus.

Irmãos e irmãs, olhemos para Ele! Jesus é a revelação do verdadeiro amor para com Deus e para com o homem: amor que se dá e não possui, amor que perdoa e não demanda, amor que socorre e nunca abandona. Em Cristo, Deus fez-se próximo de todos os homens e mulheres; por isso, cada um de nós pode e deve tornar-se próximo daqueles que encontra pelo caminho. Seguindo o exemplo de Jesus, Salvador do mundo, também nós somos chamados a levar consolação e esperança, especialmente àqueles que estão desanimados e desiludidos.

Para viver eternamente, portanto, não há que enganar a morte, mas servir a vida, ou seja, cuidar da existência dos outros no tempo que aqui partilharmos. Esta é a lei suprema, que não só está antes de qualquer regra social como lhe dá sentido. [...]

PAPA LEÃO XIV, *Mensagem para o XXXIV Dia Mundial do Doente*, 11 de fevereiro de 2026

A compaixão do samaritano: amar carregando a dor do outro

[...]

3 - *Movidos sempre pelo amor a Deus, para nos encontrarmos a nós mesmos e ao próximo.*

No duplo mandamento – «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo» (Lc 10, 27) –, podemos reconhecer a primazia do amor a Deus e a sua direta consequência na forma do homem amar e se relacionar, em todas as suas dimensões. «O amor ao próximo é a prova tangível da autenticidade do amor a Deus, como atesta o Apóstolo João: “A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chegou à perfeição em nós. [...] Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele” (1 Jo 4, 12.16)». Embora o objeto desse amor seja distinto – Deus, o próximo e nós mesmos –, e, nesse sentido, possamos entendê-los como amores distintos, eles são sempre inseparáveis. A primazia do amor divino implica que a ação do homem seja realizada sem interesse pessoal ou recompensa, mas como manifestação de um amor que transcende as normas rituais e se traduz num culto autêntico: servir o próximo é amar a Deus na prática.

Esta dimensão também nos permite contrastar o que significa amar-se a si mesmo. Implica afastar de nós o interesse de basear a nossa autoestima ou o sentido da nossa própria dignidade em estereótipos de sucesso, carreira, posição ou linhagem, recuperando pelo contrário a nossa própria posição diante de Deus e do irmão. Bento XVI dizia que «de natureza espiritual, a criatura humana realiza-se nas relações interpessoais: quanto mais as vive de forma autêntica, tanto mais amadurece a própria identidade pessoal. Não é isolando-se que o homem se valoriza a si mesmo, mas relacionando-se com os outros e com Deus».

Queridos irmãos e irmãs, «o verdadeiro remédio para as feridas da humanidade é um estilo de vida baseado no amor fraterno, que tem as suas raízes no amor de Deus». Desejo vivamente que nunca falte no nosso estilo de vida cristão esta dimensão fraterna, “samaritana”, inclusiva, corajosa, comprometida e solidária, que tem a sua raiz mais íntima na nossa união com Deus, na fé em Jesus Cristo. Inflamados por esse amor divino, poderemos realmente entregar-nos em favor de todos os que sofrem, especialmente dos nossos irmãos doentes, idosos e aflitos. [...]

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

2086 «O primeiro dos preceitos abrange a fé, a esperança e a caridade. De facto, quem diz Deus diz um ser constante, imutável, sempre o mesmo, fiel, perfeitamente justo. Daí se segue que devemos necessariamente aceitar as suas palavras e ter n’Ele uma fé e confiança plenas. É todo-poderoso, clemente, infinitamente propenso a bem-fazer. Quem poderia não pôr n’Ele todas as suas esperanças? E quem seria capaz de não O amar, ao ver os tesouros de bondade e ternura que derramou sobre nós? Daí a fórmula que Deus emprega na Sagrada Escritura, quer no princípio, quer no fim dos seus preceitos: *Eu sou o Senhor*».

2090 Quando Deus Se revela e chama o homem, este não pode responder plenamente ao amor divino pelas suas próprias forças. Deve esperar que Deus lhe dará a capacidade de, por sua vez, O amar e de agir de acordo com os mandamentos da caridade. A esperança é a expectativa confiante da bênção divina e da visão beatífica de Deus: é também o receio de ofender o amor de Deus e de provocar o castigo.

BENTO XVI, Carta Encíclica aos bispos aos presbíteros e aos diáconos às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão, *Deus Caritas Est*

Amor a Deus e amor ao próximo

16. [...] Ninguém jamais viu a Deus — como poderemos amá-Lo? Mais: o amor não pode ser mandado; é, em definitivo, um sentimento que pode existir ou não, mas não pode ser criado pela vontade. A Escritura parece dar o seu aval à primeira objecção, quando afirma: « Se alguém disser: “Eu amo a Deus”, mas odiar a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê? » (*1 Jo 4, 20*). Este texto, porém, não exclui de modo algum o amor de Deus como algo impossível; pelo contrário, em todo o contexto da *I Carta de João* agora citada, tal amor é explicitamente requerido. Nela se destaca o nexos indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um exige tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar. O citado versículo joanino deve, antes, ser interpretado no sentido de que o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus..

[...]

18. Revela-se, assim, como possível o amor ao próximo no sentido enunciado por Jesus, na Bíblia. Consiste precisamente no facto de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo. Para além do aspecto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção, que eu não lhe faço chegar somente através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política. Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa. Aqui se vê a interacção que é necessária entre o amor a Deus e o amor ao próximo, de que fala com tanta insistência a *I Carta de João*. Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas, se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser « piedoso » e cumprir os meus « deveres religiosos », então definha também a relação com Deus. Neste caso, trata-se duma relação « correcta », mas sem amor. Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama. [...]

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça São Pedro, Domingo, 25 de outubro de 2020

[...] No Evangelho de hoje, mais uma vez, Jesus ajuda-nos a ir à fonte viva e jorrante do Amor. E esta nascente é o próprio Deus, que deve ser amado totalmente numa comunhão que nada e ninguém pode interromper. Comunhão que é um dom a ser invocado todos os dias, mas também um compromisso pessoal para que a nossa vida não seja escravizada pelos ídolos do mundo. E a avaliação da nossa jornada de conversão e santidade

consiste sempre no amor ao próximo. Esta é a avaliação: se eu disser “amo a Deus” e não amar o próximo, não está bem. A comprovação de que eu amo a Deus é que amo o próximo. Enquanto houver um irmão ou irmã a quem fechamos o nosso coração, estaremos ainda longe de ser discípulos, como Jesus nos pede. Mas a Sua misericórdia divina não nos permite desanimar, pelo contrário, chama-nos a recomeçar todos os dias a fim de vivermos o Evangelho de forma coerente. [...]